

A questão fenomenológica da técnica. Facto, época e paradigma cultural.

Caderno de Curso

(semestre ímpar)

Texto-base: HEIDEGGER, Martin: „Die Frage nach der Technik“ [1954]. *Vorträge und Aufsätze*. GA 7, 2000, 6-54. [FnT]

1. Tr.pt. de M.A. Werle: “A questão da técnica”, *Scientiae Studia* (São Paulo), vol. 5, nº3, 2007, 375-398.
2. Tr.es. de E. Barjau: “La pregunta por la técnica”. In: *Conferencias y artículos*. Barcelona, Serbal, 1994, 9-37

Textos secundários de HEIDEGGER, Martin:

1. “*Nur noch ein Gott kann uns retten. Spiegel-Gespräch mit Martin Heidegger*” (1966; publ. 1976). Trad. pt. (e notas) de I. Borges-Duarte: “Já só um Deus pode ainda salvar-nos” (Entrevista a *Der Spiegel*), *Filosofia* (Lisboa) III, 1989, 109-135. Consultável em: <http://www.martin-heidegger.net/Textos/SPIEGELcomnotas.pdf>
2. “*Die Herkunft der Kunst und die Bestimmung des Denkens*” (1967, publ. 1983). Tr.pt. e notas de I. Borges-Duarte: “A proveniência da Arte e a determinação do pensar”, [http://www.martin-heidegger.net/Textos/html/Athenaer_Vortrag-Pt fin\[1\].pdf](http://www.martin-heidegger.net/Textos/html/Athenaer_Vortrag-Pt fin[1].pdf)
3. “*Überlieferungs Sprache und technische Sprache*” (1962; publ. 1989). Trad. Pt. De Mário Botas (do fr.): *Língua da tradição e língua técnica*. Lisboa, Vega. 1999.

Estudos aconselhados:

ACEVEDO, Jorge: *Heidegger y la época técnica*. Santiago de Chile, Ed. Universitaria, 1999.

BORGES-DUARTE, I: *Arte e Técnica em Heidegger*. Rio de Janeiro, Via Verita, 2019, 236 pag. (1ª ed.: Lisboa, Documenta, 2014)

_____, “Gestell e Gestalt. Fenomenologia da configuração técnica do mundo em Heidegger.” In: Borges-Duarte & Pardelha (Org.): *Fenomenologia e Ciência. Actas do IVº Congresso Internacional da AFFEN*. AFFEN, 2014, 111-124.

DUARTE, André Macedo: “Heidegger, filósofo da essência da técnica moderna.” In: R.R. dos Reis; A. (Org.). *Um filósofo e a multiplicidade de dizeres*. Homenagem aos 70 anos de vida e 40 de Brasil de Zeljko Loparic. Campinas: Unicamp/CLE, 2010, v. 57, 53-86.

GUCHET, Xavier : “Lecture de Heidegger”, in : *Les sens de l'évolution technique*. Clamecy, 2005, 46-70.

KEMP, Peter: “La question de la technique selon Heidegger”, in Chabot & Hottois (Ed.), *Les philosophes et la technique*, Paris, Vrin, 2003, 163-173.

LYRA, Edgar: “A Atualidade da Gestell Heideggeriana ou a Alegoria do Armazém”. In: João Mac Dowell SJ; Marco Antonio Casanova; Fernando Fragozo. (Org.). *Heidegger: a Questão da Verdade do Ser e sua Incidência no Conjunto do seu Pensamento*. 1ªed. Rio de Janeiro: Editora Via Verita, 2014, v. 1, 138-158.

ZIMMERMANN, Michael: *Heidegger's Confrontation with Modernity*. (1990). Tr. pt.: *Confronto de Heidegger com a Modernidade. Tecnologia, Política, Arte*. Lisboa, Piaget, 2001.

1ª sessão, 26 Outubro

Introdução à história e fenomenologia da técnica em Heidegger

1. Orientação geral, bibliográfica e metodológica sobre o seminário, no contexto do curso. Abordagem histórica e fenomenológica. Duplo objectivo: introdução ao problema global da técnica e análise de um tema central na meditação heideggeriana.
2. A questão da técnica no contexto heideggeriano. Da abordagem explícita e pública nos anos 50 (1953/54) até aos seus antecedentes (1933/1938) e à sua reverberação nos anos 60 (1962; 1966, 1967).
3. A Entrevista de *Der Spiegel* (1966) como fio da meada: as «relações meramente técnicas» de que «já só um deus nos pode salvar». A técnica na história do ser (1967, Confª de Atenas): a tecnologia atual e a *τέχνη* grega. Ambiguidade do uso heideggeriano do termo “técnica”. Seu contexto: verdade, arte, ciência, política.

Relatório de Luís Gabriel Provinciatto

1. O seminário terá como objetivo investigar o tema da técnica a partir de uma abordagem fenomenológica. A relação de tal tema com a história da filosofia se dá mediante uma história filosófica da filosofia. Para tanto, orientar-se-á, sobretudo, a partir de quatro textos de Martin Heidegger: *A questão da técnica* (1953), *“Já só um Deus pode ainda salvar-nos”* (Entrevista a *Der Spiegel*) (1966), *A proveniência da arte e a determinação do pensar* (1967), *Língua de tradição e língua técnica* (1962). A história da filosofia, para Heidegger, é fundamentalmente a história do ser, ou melhor, do aí do ser como acolhimento do que é. A história da filosofia dá palavra ao acontecimento fenomênico do ser. Dar palavra é articular afetivamente a compreensão. Nesse sentido, a fenomenologia se apresenta também como história do ser, realizando, portanto, uma história filosófica da filosofia. As paragens que ela evidencia, então, mostram o ser manifestado em palavra, ou seja, como acontecimento, como história. Não há, em Heidegger, uma cisão entre história do ser e fenomenologia.

2. Para Heidegger, a técnica moderna é um acontecimento do ser manifestado em palavra. Contudo, tal tema não pode se restringir a alguns textos da década de 1950 que o explicitam. É necessário compreendê-lo a partir do conjunto do pensamento de Heidegger, logo, da vinculação

entre história do ser e fenomenologia. Disso decorre a relevância da divisão do pensamento heideggeriano a partir de quatro principais projetos: primeiro, a Hermenêutica da Facticidade; segundo, a Ontologia Fundamental, expressada, sobretudo, em *Ser e tempo* (1927); terceiro, a História do Ser, da qual se destaca *Contributos à filosofia* (1936-1938); quarto, a topologia do ser. Atenção: *τόπος* é o sítio de uma determinada compreensão do ser e, por isso, guarda uma relação originária com o sentido do termo *ἐποχή*. A topologia do ser mostra, então, onde se encontra uma compreensão afetiva articulada em palavra, onde, de fato, há história do ser. A *ἐποχή* mostra o que o tempo mostra: seu conteúdo é histórico temporal. A topologia do ser, portanto, é *epocal* e a técnica moderna, por isso, é uma época da história do ser.

3. Como característica central da técnica moderna se destaca a *maquinação* (*Machenschaft*): um sistema em funcionamento que repete e propaga mecanicamente sempre o mesmo modelo de produção, o que permite afirmar uma tecnologia. Esse não é o sentido da *τέχνη* grega, cujo primeiro significado remete à *arte* e ao *saber-fazer* e, com isso, ao des-encobrir-se (*Ent-bergen*) de algo. Técnica (*τέχνη*), originariamente, vincula-se ao desencobrimento de algo, à verdade (*ἀλήθεια*). A pergunta pela técnica é também a pergunta pela verdade, sendo, por isso, um problema político (cultural), pois arte e ciência dizem respeito à *πόλις*. Na modernidade, contudo, as relações públicas (político-culturais) não são mais técnicas no sentido grego, mas técnicas no sentido moderno, ou seja, meramente relações entre sujeitos e objetos. Se, por um lado, a técnica já não guarda mais relação com a arte, então, por outro, sua vinculação com a ciência é inegável, consolidando-se, de fato, como uma tecnociência. A política, por sua vez, torna-se única e exclusivamente um meio controlado tecnicamente, ou seja, como um sistema em contínua repetição. Nesse sentido, a entrevista a *Der Spiegel* elucida um fio condutor: ao afirmar que “já só um deus pode ainda salvar-nos”, Heidegger aponta para aquilo que não pode ser manipulado tecnicamente e, com isso, aponta para o acontecimento do ser como fenômeno histórico que se dá para além da relação entre sujeito e objeto, para além do domínio e da repetição. Ao resgatar a vinculação originária entre técnica, arte, ciência e política, Heidegger, fenomenologicamente, acede à história do ser.

2ª sessão, 22 Novembro

A técnica como facto antropológico e a questão da essência.

1. Leitura e discussão do relatório da aula anterior. Recapitulação de algumas questões: técnica e política; a ideia de uma “história filosófica da filosofia” e a questão do acontecimento na história do ser. Da frase de Napoleão, “A política é o destino”, à afirmação de Hans Jonas, “A técnica é o destino”.
2. Início do trabalho de texto: leitura de “A pergunta pela técnica” (publ. 1954). A questão das traduções e a importância de cotejar versões em relação com o texto original. Breve referência à importância da língua em Heidegger: a linguagem como “caminho” fenomenológico de mostraçã do ser e como “morada do ser”. “Pergunta” (na fala da tradição) e “questão” (na linguagem técnica da filosofia).
3. Aquilo por que se pergunta em FnT: a essência da técnica. A intenção da colocação dessa pergunta: a preparação de um "relacionamento livre" para com ela. O caminho metódico: do óbvio

ao des-encobrimento do que nele está encoberto.

4. A definição "instrumental e antropológica" da técnica. Seu carácter óbvio e correcto, aplicável à técnica em todos os tempos. A questão do fazer e do feito, de meios e fins, e do domínio de todo o processo. Da temática da técnica à doutrina aristotélica das 4 causas.

Relatório de Henrique José Praxedes Cahet

1. Após a leitura do relatório da sessão anterior, recapitulou-se a questão da técnica e da política. A entrevista a *Der Spiegel* é um fio condutor para a questão da técnica, que ocupa um lugar central e decisivo no pensamento de Heidegger. Por um lado, em *Ser e Tempo*, ela não aparece, visto que se dedica aos temas como existência, compreensão, afectos e, em especial, a angústia. Por outro lado, em *A Carta sobre o Humanismo*, escrito contemporâneo à conferência *A Pergunta sobre a Técnica*, utiliza-se expressões poéticas e enigmáticas, como "a linguagem é a casa do ser", com o intuito de expressar de modo profundo seu pensamento a respeito da linguagem e da técnica. Desde já, justificou-se o substantivo alemão *Frage* ser traduzido como pergunta e não como questão, visto que o humano é o ser que fundamentalmente pergunta, enquanto o pôr em questão evidencia outro nível de interrogação. A pergunta é a maneira mais simples de interrogar. A nossa sociedade, no âmbito da manifestação do ser, dar-se na *pólis*. Para Heidegger, hoje a forma como a *pólis* funciona é técnica e, sobretudo, tecnológica. Tecnológica é uma forma de exercício da técnica. A técnica já não é propriamente arte, mas ciência, programação e controle. Heidegger realiza uma futurologia de acordo com as possibilidades da ciência atual. A época atual, enquanto uma *ἐποχή*, coloca entre parênteses tudo o que foi a realidade histórica humana, isolando-a apenas na forma técnica. A frase de Napoleão, "a política é o destino" estabeleceu o tom epocal da cultura no séc. XIX e no séc. XX. Hoje, contudo, a política é determinada tecnicamente. Segundo Hans Jonas, "a técnica é o destino" e, devido ao controle técnico, a política tornou-se uma tecnocracia. Nesse sentido, a história é a história de um aparecer do fenômeno. Portanto, a fenomenologia é o fazer surgir, enquanto linguagem, de aquilo que se compreende, de aquilo que aparece.

2. Iniciou-se a leitura de *Die Frage nach der Technik* (FnT, conf. 1953; publ. 1954) "A pergunta pela técnica". Apreciou-se a concepção tradicional de técnica e, posteriormente, revelou-se algo que escapa a essa obviedade. Portanto, a desvelar a verdade que emerge enquanto algo que estava por detrás dos véus da cotidianidade. Ao confrontar a tradução brasileira de Marco Aurélio Werle, a tradução espanhola de Eustaquio Barjau e o original em alemão, destacou-se a diferença entre «perguntar» e «questionar». O verbo «perguntar» expressa uma linguagem mais natural ou coloquial; por sua vez, «questionar» corresponde a uma interrogação mais teórica e acadêmica. Heidegger recupera o rigor da linguagem «da tradição», a linguagem do camponês. Ele procura não utilizar a linguagem «científica», visto que a verdade está naquilo que dizem e experienciam os seres humanos comuns no seu viver quotidiano. Assim, a pergunta abre um caminho, no sentido grego de *hodós*, que está na origem de «método»: "o caminho é um caminho de pensamento", que se constitui através da linguagem. Abre-se caminho através do que é comum para chegar a alcançar o inabitual.

3. Há dois enunciados tradicionais que exprimem a técnica. “Um diz: a técnica é meio para fins. O outro diz: técnica é um fazer do homem” (GA 7: 10). Ora, essa primeira resposta à pergunta pela técnica é definida como instrumental e antropológica. Heidegger (GA 7: 10) constata que a determinação inquietante (*unheimlich*) da técnica é correta. A concepção tradicional fala que o homem quer manter a técnica sob seu controle, caracteriza-a enquanto um querer ser dono (*Meistern-wollen*), que se torna cada vez mais evidente à medida que o processo escapa ao domínio humano. Heidegger defende que a técnica não é um mero «meio». A pergunta pela técnica surge porque aquilo que pode ser considerado uma ação boa pode fugir ao domínio humano a tornar-se uma ação má. A técnica revela-se correta, enquanto disponibilidade, objeto de nosso conhecimento. Mas apenas o verdadeiro prepara para uma relação livre com a essência da técnica. Portanto, *o verdadeiro terá de ser encontrado através do desencobrimento do meramente correto* (GA 7: 11).

4. Em seguida, Heidegger volta-se para a questão do fazer e do feito, de meios e fins, e do domínio de todo o processo. Ele afirma, “onde fins são perseguidos, empregam-se meios, onde domina o instrumental, ali prevalece a causalidade, que Heidegger expressa por meio de duas palavras diferentes: *Ursächlichkeit* e *Kausalität* (GA 7: 11), a primeira, de origem alemã, e a segunda de origem latina. A palavra alemã tem um prefixo *Ur-*, que designa origem, e *Sache*, que designa coisa; deste modo temos que a causa é a coisa na sua origem. Na palavra de étimo latino *Kausalität*, «causa» indica o cair (*cadere*), que faz com que algo surja. Após indicar estas duas palavras, Heidegger examina as noções de causa (material, formal, eficiente e final) em Aristóteles e distingue a causa eficiente por determinar toda a causalidade. Desde então, a causa eficiente desempenha um papel importante, porque nos dias atuais se designa como causa o seu significado.

3ª sessão, 30 Novembro

A técnica como modo de des-encobrir produzindo e a doutrina aristotélica da causalidade.

1. Leitura e discussão do relatório da aula anterior.
2. Análise dos pressupostos da definição antropológica e instrumental da técnica: a doutrina tradicional da causalidade. A abordagem aristotélica (*Metafísica*, A, 2, 1013a24 ss; *Física*, II, 3 194b ss e 7). A maneira quádrupla de "ser devedor" na sua articulação reflexiva: o *lógos apofantikós*. Carácter derivado e empobrecido do sentido tradicional de *causa eficiente*. A essência da causalidade como "deixar que algo" chegue à presença. O trabalho/obra (*Werk*) do *Dasein*.
3. A *poiésis* da técnica e a *poiésis* da natureza: o pro-duzir ou trazer algo a aparecer, levar o encoberto (*Verborgen*) ao des-encoberto (*Unverborgenheit*). A descoberta (*Entbergen*) poiética do ser e o sentido grego da verdade como *alétheia*.

Relatório de Laiz Chohfi

1) Foi retomada da segunda sessão a questão acerca da “história filosófica da filosofia”. Esclareceu-se não se tratar de uma história historiográfica, mas sim a história do desenvolvimento de uma ideia, o que implica selecionar o que se faz pertinente e à atenção especial ao acontecimento (*Ereignis*)

inicial desse pensamento. Trata-se, nesse sentido, da história do ser em palavra. A respeito da ideia de «futurolgia», esclareceu-se que ela, do ponto de vista da técnica moderna, é um controle sistemático do que acontecerá. A planificação tecnológica do futuro, segundo os desejos de uma sociedade politicamente organizada, é uma «futurolgia» cientificamente fundada. Pontuou-se também que aquilo pelo que Heidegger se pergunta em FnT é a respeito da *essência* da técnica, visando estabelecer uma «relação livre» para com esta. Criar tal relação passa, no entanto, por descobrir o perigo da técnica no destinar-se do homem na Terra. Retomando a entrevista de Heidegger a *Der Spiegel*, definiu-se a técnica não como instrumento em mão, nem somente como um meio para fins, mas como o produzir que se serve do homem para tal.

2) A teoria das quatro causas de Aristóteles deve ser compreendida no contexto da produção de algo novo. Algo é produzido agindo sobre uma matéria (*causa materialis*), dando-lhe forma (*causa formalis*) com uma finalidade determinada (*causa finalis*), o que é feito por um agente (*causa efficiens*). Não se nega, nesse sentido, uma perspectiva antropológica: produção da coisa em sua origem, agenciada por alguém com uma determinada finalidade. Produzir é sempre um trazer algo para fora e para diante (*her-aus-bringen*), um fazer algo aparecer. As quatro causas envolvidas na produção de algo são inter-relacionadas: Heidegger trata disso utilizando a palavra *verschulden*, ser culpado ou devedor. Há uma dívida recíproca entre o ourives, a taça, a prata e o sacrifício. Ser culpado ou devedor se configura como uma forma de ação. O forjador da prata é o agente. O agente é quem reúne as três outras causas de tal maneira que a coisa, na sua forma, matéria e finalidade, possa desencobrir-se e entrar em jogo. A coisa produzida, nesse sentido, deve o seu aparecer àquilo que está na sua origem e, por isso, agradece o seu ser a essas 4 «causas». Esse desencobrimento é realização do *Dasein*, que é aquele que traz à luz (*apophainestai*). A tradição, no entanto, atribui ao agente a responsabilidade da ação, fazendo esquecer a inter-relação que há entre as quatro causas. O empobrecimento do sentido da causa eficiente consiste justamente no esquecimento dessa inter-relação. Como consequência, tradicionalmente, a técnica parece ser algo sob o domínio do homem, reduzindo-se a uma concepção antropológica e fazendo acreditar que ela é somente um meio para fins, ou seja, um instrumento. O sentido empobrecido da causa eficiente mostra a insuficiência da definição antropológico-instrumental da técnica.

3) Por isso, para Heidegger, a técnica é assumida desde uma perspectiva ontológica e, ao mesmo tempo, fenomenológica (*aletheiológica*) justamente porque vai em direção ao vir à presença (*Anwesen*) de algo. Noutras palavras, a técnica é uma forma da verdade (*alétheia*): em sua essência, um modo de des-encobrimento da verdade, compreendida como o que se des-cobre (*entbergen*) também no que é pro-duzido. A verdade, dessa maneira, antecede o que é correto, não sendo, portanto, mera adequação entre o intelecto e a coisa. Contudo, não é só o *Dasein* quem produz. Também a natureza (*physis*) produz, no sentido de trazer algo para fora e adiante. Por essa razão, pode-se apontar um paralelismo entre natureza e técnica: ambas são produtoras, logo, poiéticas. Distinguem-se, no entanto, pelo fato de o produto da natureza se produzir e se apresentar a partir de si mesmo e o da técnica o fazer a partir de uma «causa eficiente» determinável, que reúne as

demais causas. Assim, a descoberta do ser também se dá mediante a produção, mediante a *poiésis*, quer da *phýsis*, quer da *téchne*.

4ª sessão, 6 Dezembro

Seminário Permanente de Fenomenologia: Fenomenologia da Técnica

Assistência à sessão do Seminário, que teve as seguintes participações:

1) M^a Adelaide Pacheco (Praxis/UÉ): *O homem e a técnica em Bernard Stiegler*

Queremos apresentar a concepção organológica da relação entre o homem e a técnica em Bernard Stiegler e mostrar como ela apela a uma reconfiguração dos conceitos de “humano”, e de Humanismo. De facto, o “humano” em Stiegler, aponta, não para um conceito descritivo, capaz de circunscrever uma essência, mas para a ideia de uma falta constitutiva, e de projecção proteica em direção a possíveis. É uma tal projecção que hoje se encontra bloqueada pela realização uma *hýbris* (ὑβρις) tecnológica imprevidente, que ameaça não apenas a totalidade da biosfera, mas a integridade do humano enquanto espírito. Stiegler mostra-nos que entre a queda na barbárie tecnológica do “último homem” e a esperança no “sobrehumano” abre-se um espaço de decisão, que é também um espaço de incerta negociação e composição entre a ética, a política e a técnica.

2) Guillermo Moreno Tirado (UCM): *Lenguaje y técnica desde Heidegger: el presupuesto de traducibilidad exhaustiva interlingüística.*

Se tratará de trabajar la conexión del lenguaje (en la modernidad, es decir, la concepción moderna del lenguaje) y la *esencia* del lenguaje (su *silencioso son* o su elocuencia silente, en tanto que *hablar de una lengua*) con la técnica mecanizada, ordinaria o instrumental y la *esencia* de la técnica moderna (destino de la metafísica moderna de la subjetividad consumada), es decir, la pertenencia entre ambos fenómenos (en el aspecto ordinario de ambos) y la exclusión o la puesta en *crisis* que uno genera en el otro y viceversa (especialmente allí donde la *esencia* del lenguaje no puede ser interiorizada hasta sus últimas consecuencias por la *esencia* de la técnica y donde esa misma *esencia* del lenguaje hace quebrar y, por tanto, alumbrar la *esencia* de la técnica allí donde solo se observa tecnología).

3) Ângelo Milhano (Praxis/UÉ): *Imagem, Autenticidade e Existência no contexto dos social media. Uma Reflexão a partir de Heidegger*

Partindo do trabalho desenvolvido por Martin Heidegger em *O Tempo da Imagem do Mundo* (1938) e em *A Questão Acerca da Técnica* (1953), esta comunicação procurará reflectir sobre como a expansão do mundo digital — que, em grande medida, caracteriza a história da segunda década do séc. XXI — se mostra capaz de determinar a compreensão que o ser humano faz da sua própria «existência». Tentando estabelecer uma correlação entre os conceitos heideggerianos de «imagem» e «*Ge-stell*» a partir do contexto da utilização que é feita dos *Social Media*, procurar-se-á compreender como a ubiquidade dos novos meios de comunicação, em vez de potenciar a abertura intersubjectiva que está inscrita na sua estrutura fundamental de funcionamento, tem vindo a delimitar e a disseminar uma concepção redutora

do «mundo», sob a qual a «existência» se compreende como uma representação, *i.e.*, como uma «imagem».

5ª sessão, 13 Dezembro (14h-17h)

A técnica como Alétheia

1. Leitura e discussão do relatório da sessão anterior.
2. Análise do segundo momento do texto FnT. A (2ª) definição de técnica: a técnica, na sua essência, como modalidade de verdade. O descobrir (*Entbergen*) da *téchne* e a ideia grega da verdade como *a-létheia* (*Un-verborgenheit*, o não-estar-encoberto).
3. Diferença da técnica moderna relativamente à antiga: carácter *poiético* da técnica artesã e carácter *provocador* da técnica moderna: o pôr (*stellen*) de tudo quanto há no lugar de conteúdos de armazém (*Bestand*), disponíveis para qualquer «encomenda» (*Bestellen*), no seio da sociedade industrial e consumista.
4. Exemplos: a terra na exploração agrícola; o rio como fonte de energia. O lugar em que o homem é colocado: ele próprio é obrigado a ocupar o lugar de mão de obra ou força de trabalho disponível, no imenso armazém de fontes de energia e provisões planetárias.

Relatório de António de Lencastre Leitão

1. Foi lido e discutido o relatório da 3ª sessão, tendo sido especialmente revistos/ abordados os conceitos de *Geschichte* (*versus Historie*, esta de progressão linear), *Geschehen* (acontecer) e *Geschick* (destinação), em comparação com o carácter mais irruptivo de *Ereignen* (*Ereignis*), acontecimento portador de novidade. Foi novamente salientada a importância do conceito de *Anwesen* (vir à presença) no pensamento heideggeriano, palavra derivada de *Wesen* (essência, no sentido de estar a ser, essencializar-se), próxima de *Sein* (Ser). Foi referida *Wahren* (durar) enquanto coordenada complementar de *Sein* (Ser).
2. Na sua significação inicial, *téchnê* estaria muito próxima de *epistemê*, enquanto dedicação ao observar e conhecer as coisas. Progressivamente, sob o ímpeto humano para dominar a natureza, o saber da técnica foi evoluindo para um saber fazer, conhecer - e conhecer-se - para produzir qualquer coisa. A este período milenar, ainda e sempre presente, corresponde uma primeira definição de técnica enquanto domínio antropológico-instrumental. O crescente grau de exactidão ou correcção da acção humana, apoiada em instrumentação sempre mais eficaz, permitiu ao homem aperceber-se de estar ainda longe do *verdadeiro*, enquanto essência da coisa, o que ela tem de realmente próprio: convite para descobrir (*Entbergen*) o que se encobre - e abrir ou manifestar ou trazer à presença a verdade. A verdade surge, então, como o que-não-está-encoberto (*Unverborgenheit*). Para os Gregos antigos, *Léthê* era o rio do Hades, que simbolizava o esquecimento e a ocultação - origem, por oposição, da palavra *a-létheia*, que significa verdade. Sendo a verdade realidade cada vez mais desocultada pela técnica, que imediatamente se actualiza de acordo com os resultados,

tem-se instalado para os modernos a convicção de que, na sua essência, a técnica não é apenas um meio para um fim, mas sim uma modalidade de verdade: eis a segunda definição de técnica.

3. É consensual que a idade industrial moderna começa com uma primeira revolução técnica que consiste na passagem da técnica do artesanato à técnica das máquinas com motor. Uma segunda revolução ocorre com o desenvolvimento da automação e de processos cibernéticos de regulação e direcção. Se toda a técnica tem carácter *poiético*, é a técnica artesã quem mais claramente o assume, livre para nos “pôr à frente” artefactos manuais únicos e espontâneos ou para prosseguir desígnios artísticos eminentemente “inúteis”. Muito diferente é a técnica moderna, que por um lado, se vale da “moderna ciência exacta da natureza” (FnT, p. 381) e por outro a faz progredir por meios tecnológicos. Também aqui existe, para Heidegger, uma tarefa de descobrir, que leva à percepção do carácter provocador (*Herausfordern*) da técnica moderna, ao exigir à natureza o fornecimento de energia, sua utilização e armazenagem: ao serviço da facilitação da vida humana, mas em especial dos lucros decorrentes da massificação consumista. Progredir é agora procurar o máximo proveito a partir do mínimo de despesas. Com esse móbil, o homem dispõe a natureza (*stellen*) para produzir matérias-primas, que transforma em produtos, produtos que armazena (*Bestand*) como segurança para que nada falte no momento da procura - ou encomenda (*Bestellen*).

4. Heidegger dá exemplos: a riqueza da terra descobre-se agora como depósito de minérios passíveis de diversas utilizações ou como agricultura mecanizada industrial intensiva; o Reno passou a ser visto como fornecedor de energia hidroeléctrica e como atracção da indústria turística. Explorar, transformar, armazenar e distribuir, de forma monótona e irrecusável. O próprio ser humano se encontra “desabrigado” enquanto mão de obra em qualquer parte do imenso armazém em que se está a transformar (e exaurir) o nosso planeta. Sem hipótese de retorno que não seja pelo progresso da técnica.

6ª sessão, 20 Dezembro (antecipada para 13 Dez., 17h30-20h)

A mutação moderna da essência da técnica como *Ge-stell*: o novo paradigma.

1. Transição e aprofundamento da temática da sessão anterior.
2. A mutação ou transformação acontecida na essência da técnica: aquilo que era produção do novo, com carácter poiético, converte-se em encomenda do que já se sabe que está em armazém e é fabricado (ou aprontado) para atender os desejos já conhecidos ou programados dos consumidores. O inquietante (*beunruhigend*) ou monstruoso (*ungeheuer*) desta alteração do ser das coisas: em vez de estarem no lugar de objecto (*Gegen-stand*), passam a estar no lugar de stock armazém (*Be-stand*).
3. Os principais traços caracterizadores desta mutação da essência da técnica enquanto descobrir provocador: o controlo (*Steuerung*) e a garantia (*Sicherung*) de que tudo quanto há está disponível para o abastecimento das necessidades e desejos humanos, numa sociedade de consumo.

Primeira aproximação à 3ª definição da técnica, na sua essência, enquanto *Ge-stell* (com-posição): uma forma de impor a tudo quanto há um *estar posto em conjunto como algo composto* para ser armazenado e, como tal, estar disposto para ser usado e consumido.

Relatório de Soraya Conturbia e Marcela Astolphi.

1) A essência da técnica moderna consiste em colocar as coisas sempre em permanente disponibilidade para o homem. Deste modo, o fenômeno técnica torna-se uma forma de descobrir que provoca o ser, que o põe no lugar de uma “encomenda”, disponível para o *Dasein*. O encomendado tem sempre o seu lugar já designado no *aí* do ser, como forma de trazer à luz a presença de tudo o que há como algo com serventia para si e disponível para compra/uso. A compreensão da essência da técnica não se encontra na relação com a ciência, mas sim com a arte, pois ambas partilham a mesma essência - a arte tem em sua extensão a ideia de produção *poiética* – de desvelamento do ser como *aletheia*. Assim, esse desvelamento, para Heidegger, que se dá como essência originária da técnica é um desencobrimento. Através da *téchne*, o homem pode pôr a descoberto o que se encobria, trazer à presença algo novo, inovar, desvelando o que não pode desvelar-se por si só (como a *physis*), como coisa que se mostra. Mas o que se mostra, na técnica moderna, já não é propriamente um *ob-jectum*, isto é, o que está aí à frente (ou “contra”, *Gegenstand*) o sujeito (*sub-jectum*). Pelo contrário, o olhar para as coisas produzidas no sistema, que se impõe na modernidade tardia, desvela os entes no seu carácter de algo disponível em armazém (*Bestand*) – algo que não está aí à frente como um objecto, mas pode ser encomendado e trazido à presença. Heidegger considera esta transformação inquietante.

2) A técnica moderna, segundo Heidegger, enquanto “descobrir provocador”, não é um mero fazer algo. É um desafiar ou provocar que, por sua vez, reúne. Reunir implica juntar várias coisas. Aqui há outra forma de produção que não é exatamente a das 4 causas, pois o modo de reunir é uma certa maneira de agir - o encomendar. Este “encomendar provocador” obriga a que o que há se mostre sob a figura do consumível e do consumidor, dentro de uma sociedade de consumo. Esta sociedade constitui um sistema, que reúne muitas peças dentro de uma engrenagem, na qual o ser humano é só mais uma dessas peças. Portanto, não é livre mas, pelo contrário, está submetido àquelas mesmas regras. Assim, para Heidegger, a dimensão de “encomenda” engloba o ser humano, pois em toda a sociedade cada *Dasein* desempenha uma função, como, por exemplo, a de “força de trabalho” ou “mão de obra”. Nesse sentido, o ser humano está obrigado a ocupar uma determinada posição dentro da estrutura social em que vive. Pode dizer-se, por isso, que ele próprio está submetido ao sistema, embora ele pense que o controla, sendo, pelo contrário, por ele controlado. É dentro desse movimento que podemos entender o exemplo da produção da energia hidroelétrica. Primeiro há o desocultamento da energia na força da queda d’água, depois essa energia é transformada em encomenda, e esse processo é garantido pela sua realização em usinas. Todo esse processo exige uma garantia, isto é, a certificação de que poderá ser sustentado e repetido sempre que necessário. Controlar (*steuern*) todos esses processos e garantir (*sichern*) a sua possibilidade de reprodução indefinida é o que caracteriza o descobrir do ser à maneira da técnica moderna.

3) Heidegger apropria-se da palavra *Gestell*, de uso vulgar em alemão, para se referir ao que acontece neste processo. Tal como qualquer armação, a técnica moderna consiste em uma estrutura estruturante, que permite reunir as coisas e pô-las num lugar determinado, colocá-las numa *composição*. O prefixo *Ge-* indica o conjunto, e o étimo *Stell* indica *posição*. Portanto, aqui há um conjunto estruturado pelo *pôr em conjunto* e *em posição* - a *com-posição* é o compor de um composto. Esse composto só é com-posto, porque a estrutura o compõe. Esta definição da técnica como *Ge-stell* significa que a produção de algo novo se dá num processo contínuo, predeterminado e programado. Na primeira definição da técnica, esta era considerada como instrumento ao serviço do homem. Na segunda, a técnica é uma forma de produzir, isto é, uma forma de verdade – *alétheia*. Na terceira, esta produção da verdade é a que se designa como *Ge-stell*. Portanto, o que é o *Ge-stell*? É o acontecimento da técnica em forma de *época do mundo*, é uma forma dominante de fazer mundo, que compreende tudo quanto há à maneira de algo que é controlável e disponível para uso do sujeito e da sociedade industrial, que, assim, se assegura de ter tudo quanto quer à sua disposição, como se fossem provisões armazenadas e à espera de serem usadas. Assim, Heidegger direciona a sua reflexão para a compreensão do ente do modo como ele, em cada época, é percebido. *Composição*, portanto, implica a reunião do conjunto de tudo quanto há na *posição* e figura de algo à disposição no infinito armazem, que é o nosso planeta.

7ª sessão, 3 Janeiro

A técnica como época da descoberta tecnológica do mundo e o pressentir de O Perigo

1. Leitura e discussão dos relatórios das sessões 5ª e 6ª. Chamadas de atenção para: (1) a referência de Heidegger ao “inquietante”; (2) a compreensão da própria sociedade como um “sistema”, o que aparenta Heidegger a Luhmann e Habermas; (3) à comum etimologia de *wahren* (guardar) e *währen* (durar) e, portanto, para o sentido temporal-histórico da verdade. Foi também discutida a implicação dos conceitos de *Ge-stell* e de *pólis*.
2. Apresentação oral do trabalho do doutorando Provinciatto sobre o sentido do termo *Ge-stell* como conceito e grafo da essência da técnica. De *Gestell* (armação) a *Ge-stell* (com-posição). A essência da técnica (moderna) enquanto estrutura estruturante de um conjunto, enquanto pôr (impositivo) em um lugar ou posição de tudo quanto há e enquanto con-figuração: a com-posição. A “fenomenologia” da técnica como um des-encobrir a partir da etimologia.
3. O momento final do texto de Heidegger (FNT). (1) Contextualização da “época” da técnica na história-caminho errante da verdade do ser. (2) A preparação de uma relação livre com a essência da técnica começa na compreensão afectiva do misterioso ou secreto (*Geheimnis*), que se encobre no inquietante: o Perigo. (3) *Ge-stell* como o “mais extremo perigo” e, portanto, como alerta e possibilidade de salvação: o ter e manter à vista a ameaça. (4) Duplicidade do sentido da composição: como encobrimento da verdade e, enquanto ameaça pressentida, como “aurora da salvação” (*Aufgang des Rettende*). (5) A proximidade do sagrado: a recuperação do sentido da *poiesis* (arte-técnica) como um morar poético na terra, o que só pode dar-se sob forma interrogativa e pensante.

1) Na discussão do relatório da aula anterior, foram feitas algumas esclarecimentos. Em primeiro lugar, a análise heideggeriana da técnica permite compreender a estrutura formal da sociedade e cultura modernas à maneira de um sistema fechado, o que não está longe de perspectivas como a Teoria dos Sistemas de Luhmann ou a consideração da técnica como ingrediente ideológico estruturante do social em Habermas. Heidegger realiza uma abordagem da *essência* da técnica, em vez de analisar ou comparar diferentes técnicas. Nesse sentido, confronta a essência de técnica dos antigos gregos (τέχνη), que é poética, com a da tecnologia actual, que impõe a tudo quanto há uma função, susceptível de ser controlada e garantida na sua funcionalidade. “Tudo funciona, e isso leva tudo a continuar a funcionar”, segundo diz na Entrevista a *Der Spiegel*. Heidegger chama a atenção para o carácter «inquietante» dessa tecnificação de todos os estratos da vida socio-cultural, que desafia e provoca (*Herausfordern*) o próprio homem e tudo quanto há a comportar-se como se fosse uma mera peça de uma grande engrenagem funcional. Outra questão aclarada foi a proximidade etimológica do termo alemão *Wahrheit* (verdade) com os verbos *Wahren* (guardar) e *Währen* (durar), revelando o sentido temporal da verdade como aquilo que dura, aquilo que guarda na palavra o rastro fenomenológico do sentido.

2) Heidegger em sua abordagem hermenêutico-fenomenológica da essência da técnica encontra no termo *Gestell* o elemento articulador. Este, compreendido no senso comum, designa uma “estrutura ou armação”. Mas o filósofo abre o seu campo semântico, para fazer dizer o que os seus dois elementos etimológicos revelam: *Ge-stell*, aqui traduzido como “com-posição”, não significa mais uma simples “armação” ou “estrutura rígida”, mas uma *estrutura estruturante*, isto é, um compor dinâmico do *con-junto* socio-cultural, um *im-por* do estar junto funcional, que, ao mesmo tempo determina uma posição e uma figura já pré-determinadas, uma configuração (*Ge-stalt*) social. Com essa abordagem, Heidegger abre as portas para uma verdadeira fenomenologia da técnica, descobrindo o ser do mundo na palavra, isto é, usando a etimologia como caminho de mostraçãõ do sentido.

3) A técnica, enquanto *Ge-stell*, é um envio histórico do Ser: é *Geschick* (destino) e *Geschichte* (história, acontecimento histórico). A fenomenologia desta história (enquanto aletheiologia) tem momentos de descoberta e de encobrimento e dissimulação. Fenomenologicamente, a modernidade é a época em que a verdade se dissimula sob a máscara da concepção da verdade como adequação entre a mente e a coisa. *Ge-Stell* é um passo avante desta concepção, é a forma do aparecer da verdade, à maneira encoberta da época terminal da modernidade. É de tal envergadura a dissimulação, que o homem, sem se dar conta do perigo em que está, corre o risco de não estar meramente colocado “*em perigo*”, mas “*em-o-Perigo*”. Mas, ao mesmo tempo, “o Perigo” é o que constitui o próprio horizonte do desencobrimento, a partir de nosso Dasein mais profundo. O caminho da verdade é como um caminho no bosque, mas que permite que o bosque seja descoberto enquanto É. O pressentir do PERIGO encoberto é uma maneira da verdade se mostrar. É nisso que consiste a *duplicidade* da “com-posição”: dissimula o Perigo sob a forma da garantia de controle e segurança do futuro, mas dessa maneira, alerta para o que está a dar-se. A técnica, por isso, não pode ser demonizada moralmente, mas compreendida na sua dualidade. A percepção afectiva da ameaça inerente à técnica, enquanto um poder, é uma abertura ao que ela significa de novo, à sua «verdade», enquanto des-abrigar. Para isso é preciso, pois que o Ser seja dito. Na Filosofia Moderna, marcada pelo paradigma da objectividade da ciência e pelo seu carácter de representação de um sujeito, não há abertura ao que se esconde, ao mistério da relação dos mortais com o divino, com o sagrado. Na Grécia, pelo contrário, a experiência poética pressupunha esse vínculo com o sagrado,

que escapa a qualquer representação objectivante. Heidegger sugere recuperar a proximidade do sagrado, mediante a recuperação do sentido poético da técnica, no seu vínculo com a arte, à maneira grega. Este sentido é diferente da concepção objectivante moderna e do com-por que encomenda, à maneira de *Ge-Stell*. Só mediante uma abertura afectiva ao que não é susceptível de ser encomendado, pode fundar-se um morar poético sobre a terra. Mas este só pode abrir-se ao pensamento pela *pergunta* pela essência. É aí que o alerta ante o Perigo, despertado como *Ge-stell*, pode permitir a «salvação».

ANEXO

SOBRE O SENTIDO DO TERMO *GE-STELL* COMO CONCEITO E GRAFO DA ESSÊNCIA DA TÉCNICA

por
Luís Gabriel Provinciatto



1. Imagem de Roca: o que é?

Também chamada de “imagem de vestir”, a Imagem de Roca é uma escultura que tem duas principais características: a primeira delas, a possibilidade de ser vestida com trajes e perucas. A segunda, a representação da anatomia humana, dando, não raras vezes, articulação à imagem. Durante o período Barroco (final do séc. XVI a meados do séc. XVIII), a Imagem de Roca era utilizada para fins religiosos, tendo seu auge durante o séc. XVIII e declinando desde o início do séc. XIX.

A princípio, a Imagem de Roca possuía uma estrutura muito simples: um gradeado de ripas para substituir os membros inferiores ou ainda uma armação em madeira para substituir toda a anatomia humana. As vestes, como componentes fundamentais da Imagem de Roca, cobrem necessariamente essa estrutura, deixando à mostra somente as partes finais dos membros inferiores e superiores, ou seja, pés e mãos, além da cabeça. O desenvolvimento da Imagem de Roca

acompanha o desenvolvimento da arte barroca: a simples armação deu lugar a algo mais próximo de uma escultura humana elaborada e encarnada. (Cf. Coelho; Quites, 2014)



2. Imagem de Roca como exemplo: da *Gestell* à *Ge-stell*

Ao trazer o exemplo da Imagem de Roca, pretendeu-se mostrar, por um lado, qual o sentido usual do termo *Gestell* e, por outro, realizar a passagem à *Ge-stell* como essência da técnica, logo, como seu acontecer veritativo. Destacou-se como principal característica da Imagem de Roca o fato de que, ao deixar ver pés, mãos e rosto de uma determinada maneira, ela esconde, por meio de uma vestimenta e de uma peruca, a estrutura que controla mãos e pés, fazendo com que se lhes veja dessa ou daquela maneira. A estrutura da imagem de roca, como algo criado, é estruturante e, ao mesmo tempo, aquilo que não se vê, mas torna possível que se veja algo. Nela, por assim dizer, articula-se um conjunto, que com-põe o que se mostra dessa ou daquela maneira. Contudo, a Imagem de Roca não funda uma época, pois é por uma fundada. Isso é o que se encontra intrínseco à Imagem de Roca: seu acontecimento está seguro porque algo como o Barroco (final do séc. XVI a meados do séc. XVIII) fundou o espaço-tempo de sua a possibilidade de ser. O Barroco, por assim dizer, traz para fora e adiante (cria) e, portanto, dá a ver o ser, sendo, de fato, a *figura* que rege a Imagem de Roca, a época de seu acontecimento.

3. *Ge-stell* como grafo da essência da técnica

Esses três pontos tornam possível realizar a passagem da *Gestell*, como uma mera armação, à *Gestell*, como essência da técnica. Assim, ao demonstrar que *Ge-stell* não se trata de uma

“expressão amiúde ridicularizada e talvez infeliz” (Heidegger, 1989, 122), evidencia-se a tripla dimensão presente no termo: em primeiro lugar, a articulação de um conjunto – manifestada na partícula “ge-”, ou seja, de uma *com-posição* (*Ge-stell*) como um *com-posto* que *com-põe*; de um produto estruturado e estruturante, cujo “sentido próprio é o *pôr do conjunto*, determinar a articulação unificadora do diverso” (Borges-Duarte, 2019, 158). Em segundo lugar, *stellen* (pôr num determinado sítio), como raiz verbal do termo, encontrando ressonância no substantivo *Stelle* (lugar), determina o lugar onde algo é posto. Originariamente, a essência da técnica é um “localizar-se do ser, o fazer-se vazio para o mostrar-se dele próprio” (Borges-Duarte, 2019, 159). Por isso, o pôr da *com-posição* é tético, tornando desencoberto o ser, fazendo da *Ge-stell* um modo da *αλήθεια* e fundando o espaço-tempo de manifestação. Em terceiro lugar, *Ge-stell* é a determinação de uma figura (*Gestalt*), ou seja, de uma demarcação espaciotemporal que enquadra todas as possibilidades de estar-no-mundo, de modo que a essência da técnica é, por excelência, epocal, “lugar do acontecer conjunto e unido do ser na história humana” (Borges-Duarte, 2019, 164). A figura criada é representação do controle e domínio. Nessa época tardomoderna de máximo controle e dominação, o ser já não se dá livremente, mas é forçado a se manifestar desta ou daquela maneira: a técnica já não é só tecnologia, mas também tecnocracia. *Ge-stell*, enquanto *Gestalt*, tem o vigor da lei (*Gesetz*) e, por isso, *com-põe* tudo à sua maneira, *im-pondo-se*. *Com-posição* é o esquema *a priori* a qualquer fenômeno, traduzindo, assim, “esse modo de determinação do ser dos entes que se tem procurado descrever como *unificação de um conjunto no lugar de uma figura*” (Borges-Duarte, 2019, 178).

Referências

- BORGES-DUARTE, Irene. (2019) *Arte e técnica em Heidegger*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- COELHO, Beatriz; QUITES, Maria Regina Emery. (2014) *Estudo da escultura devocional em madeira*. Belo Horizonte: Fino Traço.
- HEIDEGGER, Martin. (1989) “Já só um deus nos pode ainda salvar” (Entrevista à revista *Der Spiegel*). Tradução para o português de Irene Borges-Duarte. In: *Filosofia*, Lisboa, v. 3, n. 1-2, 109-136